

O HOMEM DAS ÁRVORES: ARTE E MEIO AMBIENTE EM DIÁLOGO NA ESCOLA PÚBLICA

MAN OF THE TREES: AN INTERACTION BETWEEN ART AND ENVIRONMENT AT PUBLIC SCHOOLS

Paulo César Antonini de **SOUZA**¹
Luiz **GONÇALVES JUNIOR**²

RESUMO

Esse estudo teve como objetivo desvelar as relações entre os discentes de 8^{as} séries da E.E. Professora Dinah Lucia Balestrero da cidade de Brotas, interior do estado de São Paulo, com o mundo em que vivem, destacando processos criativos no e com o meio ambiente, a partir de uma intervenção pedagógica em Arte-Educação, fundamentada principalmente no trabalho artístico de Krajcberg. Como procedimentos metodológicos utilizaram-se: registros fotográficos, apontamentos dos relatórios e das falas discentes e de seus familiares, colhidas durante a intervenção. Com base nos dados, considera-se que a troca de experiências e a comunicação proporcionada pelas aulas, tornaram as discussões sobre o meio ambiente significativas para todos/as, atentando que o ser humano vive de corpo encarnado no mundo e interfere neste. O contato com o trabalho de Krajcberg refletiu em valores éticos ambientais com alternativas de diálogo com o mundo e outros seres vivos, vencendo limites impostos pela instituição de uma estética baseada em conceitos da mídia.

Palavras-chave: Arte-Educação. Dialogicidade. Meio Ambiente.

ABSTRACT

The aim of this study is to unveil the relationships of students in 8th grade classes at E.E. held by Professora Dinah Lucia Balestrero in Brotas City, in São Paulo state, with the world in which they live in. This highlights creative processes in and with the environment based on a pedagogical

¹ Doutorando, Universidade Federal de São Carlos, Programa de Pós-Graduação em Educação. Rod. Washington Luiz, Km 235, 13565-905, São Carlos, SP, Brasil. Correspondência para/Correspondence to: P.C.A. SOUZA. E-mail: <pauloantonouza@yahoo.com.br>.

² Professor Associado, Universidade Federal de São Carlos, Programa de Pós-Graduação em Educação. São Carlos, SP, Brasil.

intervention in art-education and founded specifically in the art of Krajcberg. The following methodological procedures were used: photographic records, notes from students' reports and spoken statements made by them and their families during the intervention. Based on this data, we take into account that the experiences and communication exchange offered by the class, turn into a discussion about the environment's significant for all, considering that humans live as a body in the world and interfere with it. The contact with Krajcberg's work reflected environmental ethical values with dialogue alternatives with the world and other living beings, overcoming limits imposed by the institution of an aesthetics based on media concepts.

Keywords: Art-education. Dialogicity. Environment.

INTRODUÇÃO

*No tronco de uma árvore a menina
gravou seu nome cheia de prazer*

*A árvore em seu seio comovida pra
menina uma flor deixou cair*

*Eu sou a árvore, comovida e triste; tu és
a menina que meu tronco usou*

*Eu guardo sempre teu querido nome. E
tu?*

Que fizeste da minha flor?

(Eu Sou a Árvore – MBP4³)

Apreocupação com posturas relacionadas ao ambiente tem sido uma constante na vida de homens e mulheres no mundo todo. Comerciais televisivos, inserções em programas variados, publicidade impressa e a Internet, frequentemente abordam as questões do meio e a necessária conscientização da humanidade acerca de seus cuidados.

Rodrigues (2007, p.82) nos apresenta uma compreensão mais abrangente dessa relação, segundo a qual “[...] o ser humano não está na natureza, mas é natureza, e as interferências e transformações resultantes das relações dos homens e mulheres - ‘sendo-com-os-outros-no-mundo’ - também são parte dessa natureza”.

Na Escola Estadual Professora Dinah Lúcia Balestrero, localizada na cidade de Brotas, interior paulista, a necessidade de atenção, respeito e ações práticas de conscientização discente em relação à natureza (mundo), integra a construção e desenvolvimento do Projeto Político Pedagógico da Escola, tendo em vista que a exploração comercial de práticas de turismo relacionadas com o meio ambiente é uma constante no município, na expectativa de incentivar, principalmente as crianças e jovens, a novos olhares em relação ao meio local.

Brotas está em tratativas junto ao Governo Estadual, através da Secretaria de Estado do Meio Ambiente, para transferir ao município a competência para licenciar e fiscalizar as alterações ambientais que produzem impacto local [...] Nesse contexto - e considerando que a natureza foi generosa em presentear-nos com a riqueza ambiental da bacia do Rio Jacaré, cujos acidentes geográficos produzem inigualável beleza -, estão as razões de ser do evento Brotas Eco Esportes. Em primeiro lugar, a idéia de realizar um movimento conscientizador da nova incumbência do município, a de vir a licenciar e fiscalizar os projetos de impacto ambiental local; em segundo lugar, fortalecer o turismo de aventura e a

³ A música “Eu sou a árvore” é uma versão feita por Chico Buarque de Holanda para “Y tu que has hecho?” composta em 1920 pelo cubano Eusébio Delfin.

prática dos esportes naturais, como opção ecologicamente correta sob o ponto de vista de atividade econômica e ambientalmente educativa. Em terceiro, proporcionar à população de Brotas o esporte, o lazer e o entretenimento para compensar os desgastes físicos e mentais da atribulada vida cotidiana, através do contato harmônico, respeitoso e gratificante com a natureza (Barreto Neto, 2007, p.2).

Em outra oportunidade (Souza, 2009), a superficialidade deste discurso é posta em cheque quando se observa que as práticas de lazer do cidadão brotense, no que diz respeito à utilização do Rio Jacaré, tem se limitado cada vez mais, chegando a receber patrulhamento policial para que não aconteçam (Souza, Gonçalves Junior, 2007; Souza 2009).

Nessa perspectiva, desenvolveu-se, durante dois anos, com discentes da 8ª série do Ensino Fundamental, um projeto pedagógico em Arte, na busca de percepções e relações possíveis entre esta linguagem e o meio ambiente, uma vez que ações de intervenção pedagógica pautadas na educação ambiental têm alcance significativo para a conscientização humana em sua relação com a natureza, como compartilha Layrargues (2006, p.85):

A educação ambiental, antes de tudo, é Educação, esse é um pressuposto inquestionável. Nesse sentido, nenhuma discussão a respeito das metas, objetivos e avaliação da educação ambiental que mereça credibilidade pode deixar de abordar a perspectiva sociológica da Educação como um instrumento ideológico de reprodução das condições sociais. Nesse sentido, na medida do possível, a educação ambiental deveria ser analiticamente enquadrada na perspectiva de uma prática pedagógica destinada seja a manter ou alterar as relações sociais historicamente construídas, mesmo que essa prática pedagógica não seja

destinada exatamente ao convívio social, mas ao convívio humano com a natureza.

No entendimento desta proposta, a Arte, transformada historicamente em instrumento de e para as ideologias (Gombrich, 1988; Dussel, 1997; Melo, 2007; Barbosa, 2008; Lanier, 2008), apresenta-se também como meio pelo qual as relações humanas se dão ao mundo, o que justifica o foco dado a este projeto pedagógico, visando a reflexão com base nos processos criativos de Frans Krajcberg, artista cujas obras revelam fortes características da relação entre ser humano e natureza.

Frans Krajcberg, polonês nascido em 1921, veio ao Brasil em 1948, fixando-se em São Paulo, onde exerceu o ofício de pedreiro e faxineiro antes de ter contato com o mundo da Arte na montagem da I Bienal de São Paulo, em 1951. A partir de então, experimentou o cubismo e o expressionismo. Posteriormente, já afastado do mundo da Arte e morando no interior do Paraná, impressiona-se com a exuberância da natureza ao seu redor e retoma sua produção artística, criando gravuras e, na década de 1970, passa a elaborar esculturas com troncos e galhos de árvores remanescentes de derrubadas e queimadas, chamando a atenção do mundo para sua arte e para a problemática ambiental. Krajcberg ainda hoje, aos 88 anos, continua criando.

Nesse sentido, as ações do projeto pedagógico de Arte, nomeado "Homem das Árvores", são divididas em três etapas: Plantio, Cultivo e Colheita, buscando garantir aos discentes espaço para discussão, reflexão e criação, no intento de compreender os processos criativos desenvolvidos durante o trabalho; identificar as relações da Arte com o meio ambiente; perceber o contexto em que vivemos e sua historicidade, em nosso comprometimento *sendo-uns-com-os-outros-ao-mundo*, pois, como autores da manutenção ou da transformação deste, somos capazes de participar das ações que nos constituem:

[...] em função de finalidades que propõem e se propõem, ao terem o ponto de decisão de sua busca em si e em suas relações com o mundo, e com os outros, ao impregnarem o mundo de sua presença criadora através da transformação que realizam nele, na medida em que dele podem separar-se e, separando-se, podem com ele ficar, os homens, ao contrário do animal, não somente vivem, mas existem, e sua existência é histórica (Freire, 2006, p.103).

É por considerar-se esta historicidade e, no entendimento de que a dialogicidade, corporificada através da Arte na linguagem do sensível, pode consolidar junto aos envolvidos, direta e indiretamente com o projeto, significação e espaço de expressão para as reflexões surgidas com o trabalho pedagógico, pois como fala Aranha (1999, p.68):

[...] nossa motivação é distinta: a situacionalidade do ser, o processo dessa construção e comunicação de novos horizontes dão-se no mundo, em experiências significativas. Consideramos uma experiência significativa quando há um movimento consciente para contrastar nossos atos e atitudes com um panorama mais abrangente, ou seja, com o pano de fundo contra o qual eles se desenrolam. É um movimento que introduz no espírito humano a dimensão perceptiva.

Corroborando com essa reflexão, na perspectiva da intencionalidade do ser humano e em sua motricidade original, Rodrigues e Gonçalves Junior (2010) trazem uma discussão bastante pertinente a respeito da educação ambiental, contrária à visão fragmentada que separa ser humano e natureza, propondo ações de alcance pedagógico no contexto da ecomotricidade, na qual a experiência da vida vivida seria elemento de contribuição assertiva, em “uma maneira diferente de estar no mundo” (p.4).

Assim, a temática ambiental, tão explorada atualmente, ganhará proximidade junto aos estudantes, permitindo-lhes comunicar suas impressões sobre as relações possíveis entre o ser humano e a natureza, além de também valorizar o meio, o outro e a própria atuação enquanto cidadãos, tendo como instrumento facilitador desse processo, a sua própria expressão.

[...] toda a prática educativa que se orienta não no sentido da repetição do presente ou da volta ao passado, mas num sentido de transformação do presente para enfrentar o futuro, deve estar necessariamente preocupada em que educadores e educandas desenvolvam o ato de conhecimento do concreto, do real. Que procurem realmente apreender o significado do concreto. É isso que venho chamando de revelação do real, revelação do concreto que tem a ver com uma posição crítica e curiosa e não só com uma postura paciente por parte do educador e do educando (Freire, 1991, p.55).

Como enfatizam Lowenfeld e Brittain (1977, p.324): “[...] o desenho, a pintura ou qualquer outra produção artística não são o objetivo ou a meta de qualquer motivação de arte”, e sim instrumentos possíveis para a consciência do educando em relação “[...] a si próprio e das coisas que o cercam”.

Brotas, a Escola Dinah e os estudantes envolvidos na intervenção

A destruição da natureza no Brasil, desde o início parece estar ligada ao interesse do colonizador de não se fixar aqui, mas levar tudo para o Reino. [...] Por mais arraigados (os colonizadores) que na terra estejam, e por mais ricos que sejam, tudo pretendem levar para Portugal e isto não tem só os que de lá vieram, mas ainda os que cá nasceram,

que uns e outros usam a terra não como senhores, mas como usufrutuários, só para a desfrutarem e a deixarem destruída (Diegues, 1996, p.112).

A cidade de Brotas, localizada no interior do estado de São Paulo, tornou-se município em 1839. Estabelecida às margens do Rio Jacaré Pepira, a cidade passa a ter uma nova perspectiva em relação ao meio ambiente quando, no início da década de 1980, moradores criam o Consórcio do Rio Jacaré Pepira. Na década de 1990, com a instalação das primeiras agências especializadas em esportes de aventura, esse interesse fortaleceu-se ainda mais, refletindo também, na postura pedagógica das escolas (Souza, 2009).

Ações da Prefeitura Municipal têm sido uma constante na cidade em busca de conscientização dos moradores e visitantes para os cuidados em relação ao meio, e diversas práticas são promovidas de forma a integrar toda a rede escolar (municipal, estadual e particular) nessas vivências, pois, como destaca Andrade (2002), em sua reflexão sobre as relações e significações do ser humano:

Para se construir uma sociedade mais igualitária, socialmente mais justa, ecologicamente mais comprometida e culturalmente mais fortalecida, a educação é o caminho mais seguro. Nenhuma nação constrói o seu futuro sem que o seu povo saiba valorizar o seu passado e a sua memória cultural (p.202).

Destacando-se pelo comprometimento e participação efetiva em todos os eventos promovidos nesse sentido, a Escola Estadual Professora Dinah Lúcia Balestrero, que em seu Projeto Pedagógico também dedica espaço a esses cuidados, apresenta em seu quadro, atualmente, 1 115 estudantes do Ensino Fundamental e Médio, oriundos de todas as classes sociais e distribuídos em três períodos escolares.

Iniciando suas funções em 1962, no prédio da Estação Ferroviária de Brotas, a Escola Dinah chamava-se Escola Normal e Ginásio Estadual de Brotas. Em 1969 o prédio próprio, com arquitetura projetada por Flávio Império, é inaugurado; comportando desde o ensino primário até o Ensino Médio. Em 1977, em homenagem à professora de História, Dinah Lúcia Balestrero, a escola é rebatizada, conservando seu nome até os dias de hoje.

A escola, além da área administrativa, dispõe de 11 salas de aula, sala de coordenação, e sala ambiente de Informática, biblioteca, duas quadras cobertas, um amplo pátio interno, além de um anfiteatro com capacidade para 150 pessoas sentadas.

Ao longo de toda sua área, incluindo um grande jardim que fornece acesso da rua a uma das quadras, encontram-se plantas e árvores em diversas fases de desenvolvimento.

O objetivo desta pesquisa foi desvelar as relações entre os discentes com o mundo em que vivem, destacando processos criativos humanos no e com o meio ambiente, a partir de uma intervenção pedagógica em Arte.

MÉTODOS

A função do método é justamente fornecer ao juízo um fundamento de experiência que reduza ao mínimo a margem de arbítrio, o risco de introduzir um não-valor numa série de valores e de construir, assim, uma falsa história (Argan, 1992, p.17).

A pesquisa abordada neste artigo foi realizada a partir de uma intervenção desenvolvida com 75 estudantes (41 meninas e 34 meninos), de duas turmas da oitava série do Ensino Fundamental, ambas do período matutino, durante o terceiro bimestre de 2007. As atividades aconteceram em 15 aulas, sendo que todas as produções eram expostas no pátio e/ou corredor da escola, procurando aproximar de toda a

comunidade escolar as representações criadas pelas turmas, assim como suas reflexões, na perspectiva de que nesta troca (obra/fala/assistência) novos olhares sobre o meio ambiente se tornassem possíveis.

A intervenção desencadeada através do projeto pedagógico de Arte utilizou-se dos termos plantio, cultivo e colheita, fazendo analogia às fases de desenvolvimento de uma árvore com os processos educativos desencadeados no projeto. Apesar de uma tentativa de trabalho em conjunto com outro componente curricular, como Português e Ciências, o mesmo não aconteceu, permanecendo exclusivamente com o componente Arte.

Os objetivos do projeto pedagógico de Arte foram: a) Identificar, relacionar e compreender a arte como fenômeno histórico contextualizado na sociedade, conhecendo, respeitando e podendo observar as produções presentes em seu entorno e do/no mundo natural e construído, assim como, produzir suas próprias representações artísticas; b) Observar as relações entre a criação artística e o mundo, refletindo, investigando, indagando, com interesse e curiosidade, exercitando a discussão, a sensibilidade, argumentando e apreciando-a de modo sensível; c) Identificar, relacionar e compreender diferentes significados da arte, do trabalho e da produção de diversos artistas e, em particular, de Frans Krajcberg.

Para que o desenvolvimento das atividades aproximasse os estudantes das reflexões, todo o processo foi registrado por eles em seus cadernos. Os desenhos e relatórios sobre as discussões também forneceram um instrumento significativo para desvelar a compreensão alcançada pelos discentes. Também foram realizadas fotos e filmagens, com câmera digital, das ações e/ou produções discentes.

Em suma, compõem os procedimentos metodológicos deste estudo: registros fotográficos, excertos de relatórios e/ou falas de

cinco estudantes e de uma mãe, colhidas durante o desenvolvimento do projeto pedagógico de Arte. A utilização destes registros recebeu, na pesquisa, o caráter de notas de campo, no sentido expresso por Bogdan e Biklen (1994). Para preservar a identidade dos sujeitos, os estudantes são apresentados como Discente 1, 2, 3, 4, 5 e 6 e a mãe, como Sra. X.

Plantio, Cultivo e Colheita: um percurso possível

O projeto pedagógico de Arte foi iniciado pelo **Plantio**, procurando a partir de uma série de atividades, estimular a curiosidade e o processo criativo dos estudantes, convidando-os a representar através do desenho, sua concepção do que, ou de quem, seria o “Homem das Árvores”.

Na perspectiva de apresentar as concepções de estilos variados e como forma de propiciar uma introdução às atividades seguintes, a prancha “Retirantes”, de Raimundo Cela, disponível no kit Arte BR (Rebouças, 2003), foi apresentada aos alunos e analisada em conjunto. Cada estudante desenvolveu uma nova leitura do trabalho.

O desenho de observação e sua subsequente humanização⁴, dando um significado mais subjetivo à concepção do real, foram desenvolvidos com a representação das árvores encontradas dentro do espaço escolar (Figura 1).

A cada nova atividade, os estudantes perguntavam sobre a identidade do “Homem da Árvore”, e imaginavam que sua personificação fosse algum produto da imaginação, como um personagem de história. Esse pressuposto acabou sendo reforçado, mas posteriormente esclarecido, com a exibição da animação canadense “O Homem que plantava árvores” (1987). O filme, com duração de trinta minutos,

⁴ O termo humanização que utilizado neste texto, busca contemplar a transformação, através do desenho, das árvores em figuras humanas, respeitando, nesta composição, a estrutura original dos objetos.

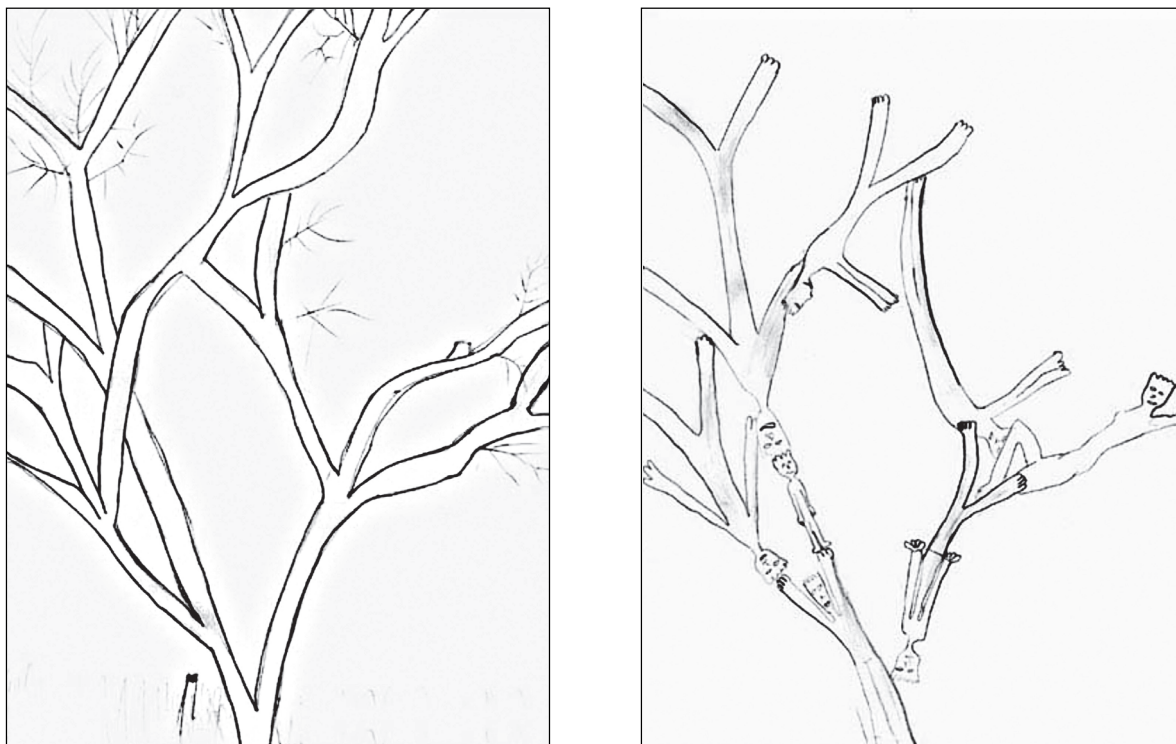


Figura 1. Criação discente representando a árvore em relação aos seres humanos.

é baseado em um conto escrito pelo francês Jean Giono. Alguns trechos da narrativa do mesmo foram destacados após a assistência, na perspectiva de interpretar sua intenção. Esse processo gerou reflexões como a que nos fez o Discente 1: *“Será que estamos condenados a um fim causado por nós mesmos? Por que, na maioria das vezes, escolhemos o que é mais fácil, mas errado?”*.

A leitura e discussão da lenda mitológica de Filêmon e Báucis (Bulfinch, 1999), que narra uma visita de Zeus à Terra, a forma como é recebido pelos mortais e o prêmio que concede ao casal título, que o acolhe - metamorfoseando-os em árvores quando morrem, permitiu uma nova interpretação dos valores possíveis nas relações entre o ser humano e a natureza, identificada nos trabalhos dos estudantes com a criação de histórias em quadrinhos, retratando a fábula.

Destacados os elementos necessários para a sensibilização discente sobre as relações de proximidade sensível entre ser humano e

árvores, foi-lhes apresentado, então, a vida e a obra do artista Frans Krajcberg.

Iniciou-se nesse momento, a etapa do cultivo

Textos coletados na internet sobre a vida e os processos criativos e plásticos utilizados por Krajcberg no desenvolvimento de seu trabalho e o livro de Justino (2005) foram discutidos; imagens de suas obras foram apreciadas e o clipe “Canção para o Tio Frans”, utilizando os fantoches da série televisa Cocoricó (Cultura, 2005) serviram de instrumento em uma sequência de aulas para que discentes e artista se aproximassem.

Nas árvores-poemas de Frans Krajcberg o nosso olhar repousa sem destino. A força do real confere à sua obra um lugar único [...]. São diálogos interrompidos com a natureza muda e suas raízes. Eu

diria que são conversas infinitas, pois que se apresentam em forma de fragmento, sem começo nem fim específico. Buscando nas raízes “o mundo mudo” o lugar onde o homem se encontra como “ser abandonado”. Os trabalhos das árvores-raízes de Krajcberg, suas esculturas, estão impregnados de poesia. Parecem dizer ao homem do homem. E sobre a urgência de vida, neste espaço negro das queimadas [...] (Rebuzzi, 2005).

A intencionalidade do artista e a expressividade de seu trabalho plástico forneceram elementos significativos, no que tange às relações entre o ser humano e o mundo que habita, e tornaram-se elemento motivador para enfrentamento da proposta final do projeto pedagógico: a criação de uma escultura, individualmente ou em grupos, utilizando materiais naturais disponíveis (troncos caídos, galhos secos, folhas mortas, ossos animais, entre outros) nos espaços de vivência dos discentes.

Foram utilizadas mais algumas aulas para pesquisa com produção de cores, utilizando gema de ovo e pigmento natural seco (terra, areia, tijolos moídos, carvão etc.), assim como, também, estudos direcionados sobre tridimensionalidade, equilíbrio e composição para projetos de escultura.

A coleta de materiais naturais disponíveis, observando o método utilizado por Krajcberg para construção de suas obras, e a subsequente construção das peças, ocorreram na casa dos estudantes, permitindo-lhes, assim, um tempo maior de contato com o trabalho, além de uma aproximação curiosa das famílias neste processo criativo.

Não precisamos gastar nem um centavo para criar um bom trabalho [...]. Se a gente pensar, muitas coisas que não usamos

podem fazer diferença, e não usamos porque estão aí, parecendo jogadas. [...] Eu percebi que não podemos nos ligar às coisas materiais (Discente 2).

Paralelamente ao tempo de criação das esculturas, em sala de aula, os discentes foram convidados a produzir textos poéticos ou imagens sobre as percepções obtidas até esta etapa do trabalho. Algumas dessas produções foram publicadas no blog da escola (Escola Dinah, 2007) como contextualização do desenvolvimento do projeto (Figura 2).

A partir deste momento inicia-se a fase da Colheita.

Na semana anterior a uma reunião com os responsáveis pelos estudantes da 8ª série, foi montada uma exposição com os trabalhos desenvolvidos durante o projeto no pátio escolar, incluindo aí excertos de seus relatórios. Na mesma exposição, os alunos disponibilizaram seus diários⁵ com anotações sobre o processo



Figura 2. Desenho de discente representando uma possibilidade criativa utilizando materiais naturais.

⁵ A proposta e nomeação desse registro como diário e sua confecção distante dos registros tradicionais no caderno de Arte, visavam uma aproximação do trabalho dos discentes a uma prática investigativa, na perspectiva de oferecer-lhe uma outra visão/compreensão do processo criador.

de construção das peças, desde as reuniões onde esquematizaram as esculturas até sua finalização. Um painel montado com textos informativos e imagens do trabalho de Frans Krajcberg permitiu aos visitantes/espectadores, uma apreciação e/ou compreensão menos pessoal da proposta (Figura 3).

Essa mostra permaneceu até o dia da reunião, promovendo, assim, um contato maior entre os saberes construídos durante o projeto pedagógico pelos discentes das 8^a séries e seus colegas de outras turmas e períodos, assim como entre os docentes e funcionários da escola, e os familiares que compareceram à escola para a reunião, de maneira que essas reflexões pudessem também alcançar outros sentidos comunicativos, principalmente a partir do contato com as esculturas (Figura 4).



Figura 3. Exposição dos trabalhos discentes no pátio da escola.



Figura 4. Esculturas criadas por discentes envolvidos no projeto pedagógico.

A leitura da Arte ajuda a explicar as coisas. Porque a Arte representa de tudo um pouco que passa na nossa vida e na cabeça também (Discente 3). As pessoas tem que perceber que o bonito não é igual pra todo mundo. [...] bonito é aquilo que eu sinto e como eu sinto (Discente 4).

Quando eu vi, ele tinha pegado o toco e já estava cortando pra fazer não sei o quê. Daí eu fiquei até brava e ele foi atrás desse galho, mas eu não sabia direito pra que era. Ficou bonito sim, mas aquele toco não era lixo. A gente usa pra sentar - (Sra. X, sobre a obra construída pelo grupo do filho).

A utilização das técnicas e a presença dos elementos empregados na elaboração das esculturas estavam visíveis, tornando possível ao observador a percepção de que a montagem das peças não era resultante de um ajuntamento de materiais, mas uma forma que os alunos e alunas encontraram para falar do meio ambiente, através da Arte.

CONCLUSÃO

Através da troca de experiências e da comunicação frequente que as aulas buscaram contemplar foi possível perceber que os discentes se sentiram motivados pelo projeto de intervenção e as discussões sobre o meio ambiente tornaram-se mais significativas para todos, atentando que o ser humano vive de corpo encarnado no mundo (Merleau-Ponty, 2006) e interfere neste conservando-o, preservando-o e transformando-o, seja para melhor ou para pior, e que as manifestações da Arte podem colaborar bastante para que essa relação tenha um alcance maior, na comunicação social, cultural e política dos ideais que motivaram seu processo de criação. Neste sentido, a fala do Discente 5 é bastante expressiva:

Acho que somos capazes, sim, de transformar lugares onde vivemos ou

habitamos, é só entender que o mundo também precisa de nós.

O contato com o trabalho de Krajcberg, a imersão proposta com as atividades que antecederam ou vieram após essa “conversa” com o artista, refletiram em valores éticos ambientais nos discentes, motivando-os e lhes apresentando alternativas de comunicação com o mundo e com os outros seres vivos, através da linguagem artística. Promoveram, como diria Coutinho (2004), a “experiência particular”, possibilitadora de uma reconstrução tal que servirá “como parâmetro para outras experiências” (p.154), sem, no entanto, deixar de alcançar o coletivo, considerando as reações e o contato que pessoas externas ao projeto pedagógico tiveram no momento da exposição.

Os discentes falaram, comunicaram, dialogaram seus pensamentos e criticaram o descaso com o meio ambiente, compreendido através das criações artísticas de Krajcberg, vencendo limites impostos pela instituição de um “belo” fundamentado em valores estéticos eleitos pela mídia. Essas percepções se multiplicaram entre as demais turmas escolares e também entre as famílias, a partir do contato com as obras expostas e os processos de sua criação, descritos pelos discentes.

Falar argutamente sobre arte não é difícil, porque as palavras que os críticos usam têm sido empregadas em tantos contextos diferentes que perderam toda a sua precisão. Mas olhar um quadro com olhos de novidade e aventurar-se numa viagem de descoberta é uma tarefa muito mais difícil, mas também mais compensadora. É incalculável o que se pode trazer de volta de semelhante jornada (Gombrich, 1988, p.18).

No sentido deste novo olhar, a liberdade re-encontrada pelos estudantes na construção de seus trabalhos lhes permitiu um acesso maior à experimentação artística, menos assombrados por estereótipos e confiantes em utilizar esta linguagem como forma de expressão

pessoal crítica, coadunando com uma educação ambiental igualmente crítica e comprometida, conforme expressou o Discente 6: “O projeto me fez refletir sobre o meio ambiente. [...] cada gesto que eu faço, muitos prejudicam o meio ambiente. [...] tomei agora, consciência disso”.

Acredita-se que essa expressividade pela Arte carrega muitas potencialidades, caracterizada como uma linguagem única, reflexiva, consciente e representativa das vivências de cada ser humano, formuladas a partir do convívio de que cada um faz parte e deste em relação ao meio em que habitam. Como nos diz Krajcberg em entrevista dada a Cancino (2006, online):

[...] sempre que eu estive na floresta me senti bem. Isso me fazia pensar que eu poderia continuar a viver neste planeta. Comecei a ter diálogos com as plantas. E elas não me perguntavam de onde eu vinha, que religião tinha, qual a minha nacionalidade. Senti pela primeira vez que fazia parte da vida com a floresta.

Que Arte e Meio Ambiente desenhem, nesse diálogo sensível, um caminho realmente frutífero em gestos, pensamentos, percepções e ações, tanto em seu sentido cultural, quando político.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, S. *O patrimônio histórico arqueológico de Serra da Mesa: a construção de uma nova paisagem*. 2002. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <http://www.unisc.br/universidade/estrutura_administrativa/nucleos/npu/npu_patrimonio/producao_cientifica/outros/teses/patr_historico_serra_mesa.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2010.
- ARANHA, C.G. Ato criador como material de apoio para a educação artística. In: CAPPELLETTI, I.F.; LIMA, L.A.N. *Formação de educadores: pesquisas e estudos qualitativos*. São Paulo: Olho d'Água, 1999.

- ARGAN, G.C. *História da arte como história da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BARBOSA, K.M. A sacralização da arte e do artista: seus mitos e desafios à prática docente em artes. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO. Constituição brasileira, direitos humanos e educação, 31., 2008, Caxambu/MG. *Anais...* Caxambu, 2008. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/trabalhos_ge.htm>. Acesso em: 20 ago. 2010.
- BARRETO NETO, O.P. *Brotas eco esportes: viver e preservar*. Brotas: Gráfica Municipal, 2007.
- BOGDAN, R.C.; BIKLEN, S.K. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Portugal: Porto, 1994.
- BULFINCH, T. *O livro de ouro da mitologia (a idade da fábula): histórias de deuses e heróis*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.
- CANCINO, C. Frans Krajcberg: escultor denuncia destruição da Amazônia e lança compilação de imagens da natureza brasileira. *Veja São Paulo*, edição 1965, 2006. Disponível em: <http://web.archive.org/web/20070704204654/http://vejasaopaulo.abril.com.br/entrevista_s/m0023938.html>. Acesso em: 7 dez. 2010.
- COUTINHO, R. Vivências e experiências a partir do contato com a arte. In: TOZZI, D.; COSTA, M.M.; HONÓRIO, T. *Educação com Arte*. São Paulo: FDE, 2004.
- CULTURA. *Cocoricó: 28 sucessos musicais*. São Paulo: Cultura, 2005. 1 DVD (81 min) son., dubl., color.
- DIEGUES, A.C. *O mito da natureza intocada*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- DUSSEL, E. A arte do oprimido na América Latina. In: DUSSEL, E. *Oito ensaios sobre cultura latino-americana e libertação*. São Paulo: Paulinas, 1997. p.153-170.
- ESCOLA Dinah: a estadual que toda escola deveria ser. Blog pedagógico. Internet, 2007. Disponível em: <<http://www.escoladinah.com.br>> Acesso em: 13 dez. 2009.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- FREIRE, P.; PICHON-RIVIÈRE, E. *O processo educativo segundo Paulo Freire e Pichon-Rivière*. Petrópolis: Vozes, 1991.
- GOMBRICH, E.H. *A História da arte*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.
- JUSTINO, M.J. *Frans Krajcberg: a tragicidade da natureza pelo olhar da arte*. Curitiba: Travessa dos Editores, 2005.
- LANIER, V. Devolvendo arte à arte-educação. In: BARBOSA, A.M. (Org.). *Arte-educação: leitura no subsolo*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2008. p.43-55.
- LAYRARGUES, P.P. Muito além da natureza: educação ambiental e reprodução social. In: LOUREIRO, C.F.B.; LAYRARGUES, P.P.; CASTRO, R.S. (Org.). *Pensamento complexo, dialética e educação ambiental*. São Paulo: Cortez, 2006. p.71-103.
- LOWENFELD, V.; BRITAIN, W.L. *Desenvolvimento da capacidade criadora*. São Paulo: Mestre Jou, 1977.
- MELO, V.A. Arte e lazer: desafios para romper o abismo. In: MARCELLINO, N.C. (Org.). *Lazer e cultura*. Campinas: Alínea, 2007. p.63-87.
- MÉNARD, R. *Mitologia greco-romana*. São Paulo: Opus, 1991. v.2.
- MERLEAU-PONTY, M. *O Visível e o invisível*. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- MPB4 e a nova música brasileira. Rio de Janeiro: Deckdisc, 2003. 1 CD-ROM (50 min).
- O HOMEM que plantava árvores. Direção; Frederic Back. Canadá: Société Rádio-Canadá, 1987. 1 DVD (30 min.), son., color., dubl., NTSC. Original: L'homme qui plantait des arbres.
- REBOUÇAS, M.L.M. et. al. Cicatrizes. In: INSTITUTO arte na escola. *Arte br*. São Paulo: Instituto Arte na Escola, 2003.
- REBUZZI, S.F.K. *Cronópios*, 2005. Disponível em: <<http://www.cronopios.com.br/site/colonistas.asp?id=542>>. Acesso em: 20 ago. 2010.

RODRIGUES, C. *Educação física, educação ambiental e educação infantil no contexto escolar: uma sinergia possível*. 2007. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2007. Disponível em: <http://www.bdttd.ufscar.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1574>. Acesso em: 20 ago. 2010.

RODRIGUES, C; GONÇALVES JUNIOR, L. Ecomotricidade: sinergia entre educação ambiental, motricidade humana e pedagogia dialógica. *Motriz*, v.15, n.4, p.987-995, 2009. Disponível em: <<http://cecemca.rc.unesp.br/ojs/index.php/motriz/article/viewFile/3252/2759>>. Acesso em: 20 ago. 2010.

SOUZA, P.C.A.; GONÇALVES JUNIOR, L. Aventura em jogo: processos educativos envolvidos na prática do mergulho no Rio Jacaré Pepira de Brotas. In:

COLÓQUIO DE PESQUISA QUALITATIVA EM MOTRICIDADE HUMANA: OLAZER EM UMA PERSPECTIVA LATINO-AMERICANA, 3., 2007, São Carlos. *Anais...* São Carlos: UFSCar, 2007. p.298-317.

SOUZA, P.C.A. Motricidade, lazer e cultura: processos educativos desvelados no mergulho na bacia do salto. In: SIMPÓSIO SOBRE O ENSINO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA: 15 ANOS DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA UFSCar, 3., SHOTOWORKSHOP, 5., 2009, São Carlos. *Anais...* São Carlos: UFSCar, 2009. p.710-726.

Recebido em 16/11/2009 e aceito para publicação em 14/10/2010.